



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

*Breaking News #26*

# Os limites do céu nas relações Brasil- Estados Unidos

FEVEREIRO DE 2019

## Sobre o CEBRI

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um *think tank* independente, que contribui para a construção da agenda internacional do Brasil. Há vinte anos, a instituição se dedica à promoção do debate plural e propositivo sobre o cenário internacional e a política externa brasileira.

O CEBRI prioriza em seus trabalhos temáticas de maior potencial para alavancar a inserção internacional do país à economia global, propondo soluções pragmáticas na formulação de políticas públicas.

É uma instituição sem fins lucrativos, com sede no Rio de Janeiro e reconhecida internacionalmente. Hoje, reúne cerca de 100 associados, que representam múltiplos interesses e segmentos econômicos, e mobiliza uma rede de profissionais e organizações no mundo todo. Além disso, conta com um Conselho Curador atuante e formado por renomados diplomatas, intelectuais e empresários.

**[www.cebri.org](http://www.cebri.org)**

---

**EQUIPE CEBRI** Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Gerente Geral: **Luciana Gama Muniz**  
| **PROJETOS** > Coordenadora: **Monique Sochaczewski** | Coordenadora: **Cintia Hoskinson**  
| Coordenadora: **Maína Celidônio** | Assistentes: **Carlos Arthur Ortenblad Jr.**; **Gabriel Torres**; **Teresa Rossi** | Estagiários: **Luiz Gustavo Carlos**; **Mônica Pereira** | **COMUNICAÇÃO**  
> Coordenadora: **Carla Duarte** | Consultor: **Nilson Brandão/Conteúdo Evolutivo** |  
Assistente: **Gabriella Cavalcanti** | **EVENTOS** > Coordenadora: **Giselle Galdi** | Assistentes:  
**Beatriz Garcia** | Estagiária: **Danielle Batista** | **INSTITUCIONAL** > Coordenadora: **Barbara Brant** | Consultora: **Gina Leal** | **ADMINISTRATIVO** > Coordenadora: **Fernanda Sancier** |  
Assistente: **Ana Beatriz Paiva** | Serviços Gerais: **Maria Audei Campos**

**FICHA TÉCNICA BREAKING NEWS** Texto: **Alexandre Gaspari** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS -  
Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044  
Tel + 55 21 2206-4400 - [cebri@cebri.org.br](mailto:cebri@cebri.org.br) - [www.cebri.org](http://www.cebri.org)

No dia 6 de fevereiro de 2019, o CEBRI promoveu a mesa redonda “Os limites do céu nas relações Brasil-Estados Unidos”, com Paulo Sotero, Diretor do Brazil Institute do Woodrow Wilson International Center for Scholars, sediado em Washington. O debate contou com a mediação do membro do Conselho Curador do CEBRI, Henrique Rzezinski.

Após anos de relações amistosas com os Estados Unidos, porém mais protocolares que efetivas, o governo brasileiro vem dando sinais de que pretende estreitar seus contatos com Washington. Parte dessa expectativa se origina na afinidade ideológica e metodológica entre os presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump, incluindo as ferramentas tecnológicas utilizadas por ambos em suas respectivas campanhas eleitorais e que se mostram bem-sucedidas. Contudo, há mais dúvidas que certezas nesta aproximação, tanto no sul quanto no norte do continente.

No Brasil, o presidente Bolsonaro declara publicamente tal desejo de aproximação – inclusive se aliando aos norte-americanos em assuntos polêmicos, como a transferência da embaixada brasileira em Israel para Jerusalém e a crise política na Venezuela. No entanto, os conflitos internos que surgiram logo no início de seu mandato, com incertezas sobre o comando efetivo das ações governamentais e as suspeitas de corrupção envolvendo seu filho mais velho, o senador Flávio Bolsonaro, acenderam o sinal amarelo sobre seu sucesso nessa empreitada e mesmo em seu governo, que promete profundas reformas econômicas e abertura de mercado.

Já nos Estados Unidos, a recente vitória do Partido Democrata na Câmara dos Deputados colocou o presidente Trump em uma encruzilhada. Conhecido por seu estilo contundente e pouca habilidade em negociar em posição de desvantagem, o presidente dos Estados Unidos tentou impor a aprovação de recursos para a construção do muro na fronteira de seu país com o México, proposta rechaçada pelos democratas. O impasse provocou o shutdown que parou as atividades do governo – e que alguns analistas apostam que irá se repetir.

Esta edição de Breaking News apresenta uma análise sobre as relações entre os dois países e possíveis desdobramentos em curto, médio e longo prazos. Aproveitamos para agradecer a Paulo Sotero e Henrique Rzezinski que compuseram a mesa e aos demais conselheiros, associados e público presente ao evento.

*Breaking News #26*

---

# **Os limites do céu nas relações Brasil- Estados Unidos**

FEVEREIRO DE 2019

O futuro das relações entre Brasil e Estados Unidos parece promissor após a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da República, diante do discurso pró-americano do atual presidente brasileiro. Entretanto, apesar das perspectivas positivas para um maior alinhamento entre os dois países num futuro próximo, a efetivação desta parceria ainda depende de ajustes que envolvem as esferas política, econômica e social.

Historicamente, especialistas apontam que as relações entre Brasil e Estados Unidos sempre estiveram aquém de seu potencial. Mesmo com economias pujantes, vastos mercados consumidores e defesa dos princípios democráticos, os dois países não conseguiram estabelecer um relacionamento estratégico de fortalecimento e desenvolvimento mútuos.

Apesar dessa relativa dificuldade em estabelecer laços mais próximos e permanentes, vale recordar um período de aproximação entre as duas nações, nos anos 1990 e início dos anos 2000. Durante cerca de seis anos, ocorreu uma convergência maior entre Brasil e Estados Unidos por parte de seus líderes. Foi a época em que o mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) coincidiu com o do presidente Bill Clinton (1993-2001).

Mesmo diante das dificuldades vividas pelo Brasil para a consolidação do Plano Real e das crises financeiras que abalaram todo o planeta e colocaram a própria estabilização econômica brasileira em risco naquele período, os dois países mantinham diálogos mais próximos. Em duas ocasiões, foram firmados acordos positivos – embora cada um deles tenha apresentado resultados distintos.

Um desses acordos envolveu o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), no Maranhão, uma base de lançamento de foguetes sob responsabilidade da Força Aérea Brasileira (FAB). Em 1999, Brasil e Estados Unidos iniciaram tratativas para que a base pudesse ser usada para lançamento de satélites comerciais americanos e de outros países. Após negociações, os dois países chegaram a firmar uma parceria, que, no entanto, acabou não sendo aprovada pelo Congresso brasileiro no início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003. Aparentemente, por falta de interesse do governo do Brasil.

Outra situação, na esfera penal, foi motivada pela máfia do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), organização criminosa descoberta no início dos anos 1990 que desviou milhões de reais em recursos da previdência social brasileira. Durante o processo, os investigadores brasileiros detectaram que boa parte do dinheiro tinha ido parar em contas bancárias nos Estados Unidos e pediram ajuda. O governo americano se prontificou imediatamente, mas sugeriu que fosse assinado um acordo chamado *Mutual Legal Assistance Treaty* (MLAT), que tornaria a cooperação permanente nessa esfera.

Ao contrário das negociações envolvendo a base de Alcântara, o MLAT logrou êxito. Além de ter sido fundamental para a prisão dos envolvidos nos desvios do INSS nos anos 1990 e a devolução de parte dos recursos para os cofres públicos brasileiros, o

acordo foi crucial para o bom êxito da operação Lava Jato, iniciada em 2014. Foi este exercício de parceria que permitiu a construção de confiança entre promotores federais brasileiros e americanos, culminando na cooperação mútua estabelecida entre os dois países nas investigações da Lava Jato.

#### CONTEÚDO RECOMENDADO

### Trump receberá Bolsonaro na Casa Branca na segunda quinzena de março



Foto: Carolyn Kaster (A)

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/08/internacional/1549584459\\_495465.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/08/internacional/1549584459_495465.html)

## As questões internas americanas e sua influência nas relações bilaterais

Embaixador dos Estados Unidos no Brasil entre fevereiro de 2010 e setembro de 2013 e sub-secretário de Assuntos Políticos do governo americano de 2016 a 2018, Tom Shannon acredita que os interesses permanentes de Brasil e Estados Unidos são mais convergentes que divergentes. No momento atual, a aparente convergência ideológica e de estilos entre os presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump parece confirmar essa visão, aproximando os dois países após vários anos de distanciamento.

Entretanto, ainda falta clareza para afirmar que as relações bilaterais serão bem-sucedidas. E não apenas pelo fato de o governo Bolsonaro ainda estar em seu início e vivendo momentos de ajustes. Um fator complicador é a instabilidade política norte-americana, após os democratas conquistarem maioria na Câmara dos Deputados, nas eleições legislativas de novembro de 2018, e o *shutdown* que paralisou as atividades governamentais no final do ano passado e início de 2019.

Assim, se “o céu é o limite” para que Brasil e Estados Unidos estabeleçam relações mais estreitas, como apontam analistas, este “céu” está aparentemente nublado e com a visibilidade prejudicada. As eleições de novembro passado mostraram que os democratas estão em ascendência de poder, e o presidente Donald Trump saiu diminuído da disputa com seus opositores, pela maneira pouco hábil como administrou a crise no fim do último ano.

Aparentemente, o impasse que parou a administração pública norte-americana foi resolvido. Entretanto, ainda há muitas incertezas sobre a efetividade do acordo firmado entre o Congresso e o presidente Trump para reativar as atividades do governo. O principal mote do conflito envolve a proposta do presidente americano para a construção de um muro na fronteira com o México. Enquanto ele insiste no projeto, os congressistas descartam essa hipótese.

Com o que é possível perceber até o momento sobre as lideranças democratas no Congresso, o polêmico muro – um dos grandes trunfos do presidente Trump durante sua



campanha eleitoral, em 2016 – não terá apoio nenhum da oposição, hoje em maioria na Câmara. Tudo indica que haverá uma dotação maior de recursos para segurança de fronteira, mas o dinheiro deverá ser aplicado em atividades que já são feitas, como desenvolvimento de softwares e reforço de pessoal na vigilância da fronteira com o México.

É importante ressaltar também que a eleição legislativa que levou os Democratas à maioria na Câmara teve uma característica diferente do que já ocorrera em outras ocasiões. A retomada da liderança naquela casa se deu de uma forma muito importante, peculiar e nova, sobretudo a partir de um grande movimento de afirmação do poder das mulheres nos Estados Unidos. Existe uma nova mobilização no país, e novas lideranças estão surgindo.

Outro fator de preocupação quanto à estabilidade do governo americano diz respeito à investigação criminal conduzida pelo procurador especial Robert Mueller. O processo investigativo já resultou em indiciamentos, e até mesmo algumas prisões, de seis assessores muito próximos ao presidente Trump. Acredita-se que Mueller irá concluir o processo até setembro deste ano, para evitar que suas conclusões contaminem o processo eleitoral presidencial que se iniciará em 2020.

Tais questões sugerem que uma maior aproximação entre Brasil e Estados Unidos agora pode ser afetada em breve, caso o povo americano decida apoiar o *impeachment* de seu presidente. Diante de tantas suspeitas de irregularidades, algumas delas envolvendo diretamente o presidente, seu impedimento tem mobilizado os democratas e pode se tornar realidade, mudando os rumos da Casa Branca.

#### CONTEÚDO RECOMENDADO

### Donald Trump cita Bolsonaro e faz elogios ao brasileiro



Foto: Reprodução/Casa Branca

<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-das-dez/videos/v/donald-trump-cita-bolsonaro-e-faz-elogio-ao-brasileiro/7299517/>

## Venezuela, o ponto (nada) pacífico

A identificação ideológica entre os presidentes Bolsonaro e Trump parece ainda não ter despertado nos dois governos um movimento real de construir uma agenda ampla de negociações e acordos. Segundo avaliação de analistas sediados nos Estados Unidos, até o momento somente um tema parece aproximar as duas maiores democracias das Américas: a Venezuela, que vive uma grave crise político-institucional e também humanitária.

Em visita ao Brasil em janeiro passado, o secretário de Estado norte-americano, Mike Pompeo, mostrou entusiasmo com o novo governo brasileiro e declarou que havia estabelecido diálogos para a instalação de uma base militar norte-americana no país. Contudo, integrantes do alto escalão governamental, como o vice-presidente, General Hamilton Mourão, não confirmaram tais tratativas.

Especula-se, portanto, que as conversas entre os dois países se deram mais no sentido de promoverem ações mais efetivas, sobretudo por parte do Brasil, para isolar o regime de Nicolás Maduro e forçar mudanças políticas na Venezuela. Entretanto, historicamente o Brasil mantém relações pacíficas com seus vizinhos da América do Sul e atua para evitar conflitos em suas fronteiras. E mesmo com o tom beligerante do presidente Bolsonaro em relação à Venezuela durante a campanha eleitoral em 2018, o atual governo vem dando sinais de que sua atuação se dará por vias diplomáticas e humanitárias, não militares.

## Sociedades mais unidas que seus governos

Mesmo com a lentidão dos governos de Brasil e Estados Unidos, o recente acordo entre a americana Boeing e a brasileira Embraer vem sendo celebrado no mercado como um sinal positivo para as relações entre os dois países. Afinal, trata-se da junção de duas das maiores companhias de fabricação de aeronaves do mundo e envolve as áreas de aviões comerciais e militares.

### CONTEÚDO RECOMENDADO

#### Trump critica relação comercial dos EUA com o Brasil

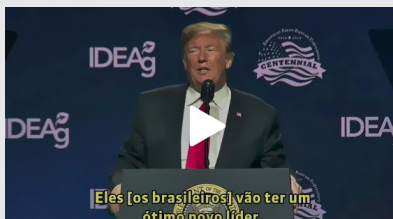


Foto: G1

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/01/trump-critica-relacao-comercial-dos-eua-com-o-brasil.ghtml>

O negócio foi feito sem nenhuma interferência direta dos governos do Brasil e dos Estados Unidos. O movimento foi realizado pelas próprias empresas, ambas do setor privado. A única participação tanto do ex-presidente Michel Temer quanto do presidente Bolsonaro foi uma espécie de “não-participação”, ao não lançarem mão da *golden share* que permitiria ao governo brasileiro impedir o acordo. Assim, o negócio pôde ir adiante.

O acordo Boeing-Embraer é apontado por analistas como um bom exemplo de que as relações entre as sociedades brasileira e norte-americana é muito maior do que as relações entre os governos dos dois países, demonstrando um desejo de aproximação mais consistente do que as conversas entre Brasília e Washington. Por isso, o ex-embaixador Tom Shan-

non, em palestra no Woodrow Wilson Center, disse que as relações entre os dois países vão cada vez mais serem efetivadas pelas sociedades e menos pelos governos.

Voltando à esfera governamental, pode-se apontar como promissora a iniciativa do governo brasileiro de adotar uma política econômica mais liberal, pois tende a facilitar o alinhamento entre Brasil e Estados Unidos. Entre as economias de médio porte, a brasileira é apontada como a mais fechada do mundo. Por isso, as reformas que estão sendo conduzidas pelo ministro da Economia Paulo Guedes geram boa expectativa entre os norte-americanos, mesmo que ainda dependam de aprovação do Congresso brasileiro.



Há, porém, pendências comerciais antigas entre os dois países que precisarão ser solucionadas para garantir a ampliação dos negócios. Entre elas estão as reivindicações por parte dos americanos para a redução ou a eliminação de tarifas impostas pelo Brasil ao trigo dos Estados Unidos. O mesmo vale para o etanol de milho produzido lá. Para solucionar esses embates e estreitar as relações Brasil-Estados Unidos, é premente o governo brasileiro definir quem serão seus interlocutores com Washington, um lapso ainda não preenchido neste início de mandato do presidente Bolsonaro.

Será preciso também definir quais setores econômicos brasileiros serão abertos a empresas norte-americanas e de outros países. Afinal, é inegável que o Brasil precisa de capital e tecnologia e não dispõe de recursos para seu pleno desenvolvimento econômico e social. Por isso, o governo brasileiro deverá escolher áreas estratégicas para atração de investimentos internacionais.

Uma área que voltou a atrair os olhares dos norte-americanos para o país é o setor de óleo e gás. Com a operação Lava Jato mostrando resultados efetivos ao estancar esquemas de corrupção que afetaram a Petrobras, ampliou-se a percepção de que o Brasil está resgatando sua estabilidade regulatória. Além disso, a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) voltou a promover leilões de oferta de blocos exploratórios, o que tem ampliado o interesse das petroleiras internacionais pelo país.

A importância da Lava Jato – que remete ao MLAT, assinado entre Brasil e Estados Unidos nos anos 1990 – vai além de sua ação para a recuperação financeira da Petrobras. A operação também é apontada como um marco para a melhoria da imagem do Brasil no exterior, por seu sucesso na investigação e na punição de pessoas com altos cargos políticos e empresariais, fato ainda pouco comum em vários países do mundo.

Mesmo com arestas a serem aparadas, o cenário mostra uma gama de possibilidades positivas de união entre os dois países. E ampliar o diálogo entre Brasil e Estados Unidos passa, não somente pelas relações comerciais, mas também pela promoção da democracia e dos direitos humanos, valores tão caros para os dois países.

#### CONTEÚDO RECOMENDADO

### Estados Unidos, um aliado acima de todos para o Brasil de Bolsonaro



Foto: HO (AFP)

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/29/internacional/1543517200\\_635889.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/29/internacional/1543517200_635889.html)

“

**O céu é o limite entre Brasil e EUA. O problema é que, no momento, o céu está nublado, o teto é baixo e há pouca visibilidade. E não tanto pelo que tem ocorrido no Brasil, mas sim nos EUA. As agências alertam para a possibilidade de retorno da crise que paralisou o governo norte-americano no fim do ano, motivada pelo impasse entre Donald Trump e o Congresso a respeito do muro na fronteira com o México.”**

- **Paulo Sotero**, Diretor da Brazil Institute, Woodrow Wilson International Center for Scholars



# Biografias

## **Henrique Rzezinski**

O Sr. Rzezinski é Diretor para Relações Institucionais na ENEVA. Anteriormente, foi Vice-Presidente de Política e Assuntos Corporativos e Políticas Públicas da BG Brasil, Vice-Presidente Sênior de Relações Externas na Embraer e Diretor de Relações Externas e Comércio Internacional da Xerox do Brasil. Serviu como Presidente da Associação Brasileira de Informática e Equipamentos de Escritório (APRIMESC), Co-Presidente do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos e Presidente da Câmara de Comércio Americana do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira no Banco Nacional de Habitação. O Sr. Rzezinski tem diploma de bacharel em Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestrado em Planejamento com especialização em Planejamento Regional, Urbano e Econômico da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA).

## **Paulo Sotero**

O jornalista Paulo Sotero é diretor desde 2006 do Brazil Institute do Woodrow Wilson International Center for Scholars, em Washington. Paulista de São José do Rio Preto, é bacharel em História pela Católica de Pernambuco e mestre Jornalismo pela American University. Foi o primeiro correspondente da revista Veja em Lisboa, após a Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974. Vive na capital dos EUA desde 1980, onde atuou como correspondente da revista Istoé e dos jornais Gazeta Mercantil e O Estado de S.Paulo antes de assumir a direção do Brazil Institute do Wilson Center, do qual foi fundador. É comentarista de emissoras internacionais de rádio e televisão como a CNN, BBC, CGTN (China Global Television Network) e Aljazeera. É membro do Conselho de Diretores do Institute of the Americas, la Jolla, California, do GACINT (USP) e do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial.



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Diretora Executiva

Julia Dias Leite

Conselho Curador

Aldo Rebelo

André Clark

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Demétrio Magnoli

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

José Roberto Castro Neves

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Marcos Galvão

Maria do Carmo (Kati) Nabuco de Almeida Braga

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch

Conselho Internacional

Albert Fishlow

Alfredo Valladão

Andrew Hurrell

Felix Peña

Julia Sweig

Kenneth Maxwell

Leslie Bethell

Marcos Caramuru

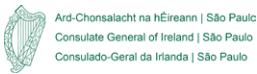
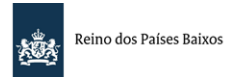
Marcos Jank

Monica de Bolle

Sebastião Salgado

# ASSOCIADOS

Em fevereiro de 2019





---

## Sócios Individuais

Adriano Abdo  
Álvaro Augusto Dias Monteiro  
Álvaro Otero  
Arminio Fraga  
Carlos Leoni de Siqueira  
Carlos Mariani Bittencourt  
Celso Lafer  
Claudine Bichara de Oliveira  
Daniel Klabin  
Décio Oddone  
Eduardo Marinho Christoph  
Eduardo Prisco Ramos  
Fernando Bodstein  
Fernando Cariola Travassos  
Frederico Axel Lundgren  
Gilberto Prado  
Henrique Rzezinski  
Jaques Scvirer  
João Felipe Viegas Figueira de Mello  
João Roberto Marinho  
José Francisco Gouvêa Vieira  
Larissa Wachholz  
Leonardo Coelho Ribeiro

Marcelo Weyland Barbosa Vieira  
Marcio João de Andrade Fortes  
Maria Pia Mussnich  
Mauro Ribeiro Viegas Neto  
Mauro Viegas Filho  
Najad Khouri  
Paulo Ferracioli  
Pedro Leitão da Cunha  
Ricardo Haddad  
Ricardo Levisky  
Roberto Abdenur  
Roberto Amadeu Milani  
Roberto Guimarães Martins-Costa  
Roberto Pereira de Almeida  
Roberto Prisco Paraiso Ramos  
Roberto Teixeira da Costa  
Rosana Lanzelotte  
Sergio Zappa  
Stelio Marcos Amarante  
Thomas Trebat  
Tomas Zinner  
Vitor Hallack  
Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2018 o terceiro melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

[www.cebri.org](http://www.cebri.org)